

## REFERENCIAÇÃO TEXTUAL E FORMAÇÃO DE LEITORES/PRODUTORES DE TEXTOS NO ENSINO MÉDIO

SOARES, Flávia Aparecida<sup>1</sup>  
E. E. Antônio Martins do Espírito Santo/FANS  
flaaresns@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho, de caráter descritivo e qualitativo representa o esforço contínuo como professora do ensino de base de escola pública de formar alunos leitores e produtores de textos, e tem como objetivo fornecer aos demais professores de Língua Portuguesa suporte para auxiliarem os alunos no que tange ao reconhecimento do processo de referenciação textual, mais especificamente: a introdução, a retomada e a substituição de referentes nos textos. Para a execução do trabalho foram analisados com os alunos do 2º ano de uma escola pública alguns textos em sala de aula, e os alunos tiveram como tarefa verificarem como as estratégias de referenciação colaboram/interferem na progressão textual. Mais especificamente, foram analisadas a introdução, a substituição e a retomada de referentes textuais na crônica: *O homem nu*, de Fernando Sabino devido ao fato de o professor estar trabalhando esse gênero textual. Com vistas a atingir os objetivos propostos, lançamos mão da teoria da referenciação e do estudo de diversos autores da Linguística Textual.

**Palavras-chave:** Crônica; Referenciação Textual; Progressão Textual.

### 1. Introdução

O presente trabalho visa à análise das estratégias de Referenciação Textual utilizadas na crônica: *O homem nu*, de Fernando Sabino. A escolha desse gênero deve-se ao fato de ele está sendo estudado pela pesquisadora em atividades desenvolvidas com alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública.

O desejo de executar a pesquisa surgiu após a professora constatar a dificuldade por parte de alguns alunos no que diz respeito à identificação das estratégias de Referenciação na crônica *O homem nu*, mais especificamente: a introdução, a retomada e a substituição de elementos ou expressões referenciais no texto.

A fim de verificar as dificuldades encontradas pelos alunos no que tange ao reconhecimento e análise de tais estratégias de textualização, partiu-se do pressuposto de que a construção de sentidos de um texto depende da capacidade dos sujeitos/leitores fazerem um balanceamento do implícito e explícito nos textos.

Para efeitos de análise, a linguagem é considerada a partir de uma perspectiva discursiva que somente se efetiva na prática da interação verbal e de todas as implicações que decorrem dessa prática, o que culmina com a noção de que a apreensão e construção de sentidos de um texto estão/são estabelecidas no processo de interação entre os indivíduos/sujeitos.

### 2. A crônica

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa do ensino de base da rede pública de Minas Gerais, professora de Oratória da Faculdade de Nova Serrana e integrante do projeto Observatório da educação CAPES/UNIFRAN.

A palavra crônica vem do grego Khrónos e é associada à ideia de que os acontecimentos estão relacionados a determinado período de tempo ou sequência cronológica.

Já no latim, a palavra *chronica* era empregada para se referir ao registro de acontecimentos históricos numa sequência cronológica, ou seja, acontecimentos ocorridos em determinado espaço de tempo.

De acordo com Amaral (2008), o relato dos primeiros cronistas se deu na Idade Antiga e traduziam os acontecimentos históricos importantes relacionados à vida dos generais, reis e etc.

Entretanto, a crônica contemporânea se consolidou como gênero textual somente no século XIX e a imprensa foi de suma importância para a propagação desse gênero.

A crônica contemporânea é um gênero que se consolidou por volta do século XIX, com a implantação da imprensa em praticamente todas as partes do planeta. A partir dessa época, os cronistas, além de fazerem o relato em ordem cronológica dos grandes acontecimentos históricos, também passaram a registrar a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do seu tempo, publicando seus escritos em revistas, jornais e folhetins. Ou seja, de um modo geral, importantes escritores começam a usar as crônicas para registrar, de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os acontecimentos cotidianos de sua época, publicando-as em veículos de grande circulação. (Amaral, 2008, p.14)

Em geral, uma boa crônica é escrita em primeira ou terceira pessoa, e o narrador, a partir de um universo textual subjetivo *conversa* com o leitor, possibilitando-lhe uma participação mais efetiva no texto.

Em geral, as crônicas também têm um desfecho surpreendente e não esperado e essa é uma das características que as diferenciam do conto e lhes garantem uma característica, *digamos* especial.

Escrevendo como quem conversa com seus leitores, como se estivessem muito próximos, os autores os envolvem com reflexões sobre a vida social, política, econômica, por vezes de forma humorística, outras de modo mais sério, outras com um jeito poético e mágico que indica o pertencimento do gênero à literatura. (Amaral, 2008, p.15).

No Brasil, no final do século XIX, as crônicas se tratavam de textos inseridos em seções jornalísticas e tinham como finalidade informar o leitor sobre os acontecimentos diários ou semanais. Devido às mudanças de comportamento de alguns jornalistas, que começaram a buscar informações novas para as notícias que seriam publicadas nas colunas dos jornais, a crônica foi se aperfeiçoando e atingiu um aspecto mais literário, pois os textos se libertaram dos moldes tradicionais e os autores, mesmo ao tratarem de fatos cotidianos começam a escrever sobre tais assuntos assumindo uma postura mais livre e pessoal.

Entretanto, mais do que classificarmos a crônica e sua importância na construção histórica da sociedade bem como as mudanças sofridas pelo gênero desde o seu surgimento, está a tarefa de inculcar esse gênero em sala de aula propiciando aos alunos o contato com esse tão grandioso e mágico Universo Literário.

### **3. Relevância do estudo da crônica em sala de aula**

O gênero textual crônica possibilita que os alunos, orientados pelo professor em sala de aula desenvolvam diversas atividades, tais como: retextualização, identificação de elementos modificadores no texto, reconto, produção de novas crônicas e etc.

Assim, ao estudarmos a crônica: *O homem nu*, de Fernando Sabino com alguns alunos do 2º ano do Ensino Médio, pôde-se verificar que eles ficaram maravilhados com a linguagem utilizada pelo cronista e com o desfecho humorístico do texto.

Entretanto, ao observarmos as atividades que constam no livro didático e pedirmos aos alunos que as realizassem, notamos que as mesmas funcionam como uma espécie de *ponte*, e que é de extrema importância que o professor/intermediador do conhecimento elabore novos exercícios que visem ao diálogo entre o sujeito/leitor e o texto.

Assim, ao analisarmos a introdução, a substituição e a retomada de referentes em: *O homem nu*, lançamos mão da Linguística Textual e da Teoria da Referenciação e esse estudo é evidenciado nas reflexões que se seguem.

### 3.1 Referenciação textual e o estudo de textos

De acordo com Koch (2001), a evolução e a expansão dos significados do conhecimento linguístico e sua proliferação cultural, histórica, política, social e etc. somente foi possível devido a existência de textos, ou seja, a existência de formas linguísticas que são responsáveis por constituírem e organizarem um conhecimento complexo. Porém, Koch ressalta que muitas vezes nos esquecemos de que todo conhecimento coletivo é sempre um conhecimento que se constitui sociocognitivamente e que se desenvolve devido os indivíduos instaurados como sujeitos sociais evoluírem constantemente.

Ainda de acordo com a autora, todas às vezes que processamos ou produzimos textos, na verdade, estamos manifestando nosso ponto de vista sobre determinado(s) assunto(s) e, dessa maneira, revelamos o que somos, o que pensamos e no que acreditamos. Assim, colaboramos para a (re)elaboração das coisas em geral, ou seja, (re)construímos novas maneiras de enxergar o mundo e as coisas nele criadas e/ou situadas.

Nesse sentido, a introdução, a retomada e a substituição de expressões referenciais são importantes ferramentas no processo de análise e processamento de textos e influenciam na progressão textual e (re)elaboração de sentidos do texto.

### 3.2 Estratégias de referenciação

Conforme Koch e Elias (2009) as expressões referenciais são todos os elementos que designam os objetos de discurso, ou seja, todos aqueles elementos que possibilitam ao sujeito/leitor (re)construir os processos de referenciação nos(s) texto(s).

Fundamentados nas autoras, consideramos relevante apresentarmos as seguintes estratégias de referenciação:

a) Introdução de um referente ou objeto de discurso: Quando uma expressão textual totalmente nova aparece no texto.

b) Retomada ou manutenção: Tem-se uma retomada ou manutenção quando uma expressão ou elemento já citado no texto é reativado ou retomado por uma nova expressão referencial.

c) Desfocalização: Quando um novo referente ou objeto de discurso é introduzido no texto e passa a ocupar a posição central. O objeto retirado do texto, porém, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*) podendo ser reativado sempre que necessário, ou seja, o novo referente fica em foco, mas os já introduzidos previamente não são totalmente desativados, ficam à disposição para voltarem ao foco.

Essa divisão ternária proposta por Koch e Elias (2009) sugere que um referente ou expressão referencial pode ser primeiramente ativado, para depois ser reativado ou colocado novamente em foco e, novamente, ser desativado e sair de cena.

Os referentes ou expressões referenciais são, pois, dinamicamente (re)elaborados à medida que são acrescentadas informações novas no texto haja vista que essas informações podem colaborar ou não para a progressão textual.

A reconstrução/reativação é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Pelo fato de o objeto encontrar-se ativado no modelo textual, ela pode realizar-se por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos, etc.) bem como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.). (KOCH, 2004, p. 67).

A progressão textual se efetiva mediante a capacidade que o autor tem de (re)elaborar constantemente referentes ou objetos de discurso no texto. Contudo, a introdução, a retomada e a substituição desses referentes deve se dar de maneira adequada e possibilitar um compartilhamento de informações entre autor e leitor do texto; e é o que pretendemos mostrar na análise que fizemos de: *O homem nu*.

#### 4. O homem nu de Fernando Sabino<sup>2</sup>

1. Ao acordar, disse para a mulher:
2. — Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a
3. prestação da televisão, vem aí o **sujeito** com a conta, na certa.
4. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.
- 5.— Explique isso ao **homem** — ponderou a mulher.
6. — Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações.
7. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.
8. Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro.
9. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão.
10. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito.
11. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer **ninguém**. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.
12. Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor.
13. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir.
14. Na certa a mulher pensava que já era o **sujeito** da televisão. Bateu com o nó dos dedos:
15. — Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.
16. Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.
17. Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o **homem da televisão!**

---

<sup>2</sup> O texto teve suas linhas enumeradas e modificadas bem como os referentes destacados a fim de que o leitor compreenda mais facilmente o processo de análise.

18. — Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:
19. — Maria, por favor! Sou eu!
20. Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo...
21. Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado.
22. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder.
23. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a **empregada** passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada.
24. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.
25. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.
26. — Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.
27. E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido...
28. Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!
29. — Isso é que não — repetiu, furioso.
30. Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar.
31. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava.
32. Depois experimentou apertar o botão do seu andar.
33. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar".
34. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer?
35. Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.
36. — Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.
37. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão.
38. Era a velha do apartamento vizinho: — Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...
39. A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:
40. — Valha-me Deus! O padeiro está nu!
41. E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:
42. — Tem um homem pelado aqui na porta!
43. Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:
44. — É um tarado!
45. — Olha, que horror!
46. — Não olha não! Já pra dentro, minha filha!
47. Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era.
48. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho.
49. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.
50. — Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.
51. Não era: era o cobrador da televisão.

#### 4. 1 Proposta de análise: *O homem nu*

A introdução, a substituição e a retomada de um referente ou expressão referencial em um texto não se trata apenas uma mera escolha de palavras por parte do autor. As estratégias de referenciação revelam um projeto de dizer e representam a opinião do autor em relação a: assuntos, coisas, entidades, objetos, partido político, pessoas, religião e etc. conforme demonstrado em capítulos precedentes. E, no caso da crônica: *O homem nu*, escolhida como nosso objeto de estudo, as estratégias referenciais representam o desejo do cronista em provocar humor a partir de coisas simples do cotidiano, característica presente na maioria das crônicas.

Para que o leitor entenda isso de uma maneira mais clara, na crônica por nós selecionada apresentamos três expressões referenciais que foram introduzidas e modificadas ao longo do texto a fim de chamar a atenção desses sujeitos/leitores e provocar efeitos de humor no texto. São elas: mulher, velha e homem.

### **I – mulher**

Em [1] tem-se a introdução do referente mulher que é em retomada em [2] pela expressão referencial minha filha.

Em [5] ocorre a repetição do referente mulher que é retomada pelo mesmo referente em [8].

Já em [13] o leitor mais atento consegue perceber que os referentes minha filha e mulher são substituídos pelo pronome indefinido ninguém.

Em [14] tem-se novamente a repetição do referente mulher.

Somente em [15], [19] e [36] é que o nome da mulher é introduzido no texto: Maria! Maria! Maria!

É de suma importância que o leitor não só identifique a introdução, a retomada ou a substituição de um referente textual, é, pois, também necessário que ele saiba identificar como esses elementos funcionam para a progressão textual uma vez que é disso que depende a compreensão do texto por parte do sujeito/leitor. Assim, um leitor mais atento verificará que as escolhas realizadas pelo autor não se tratam apenas da inserção de meras palavras no texto, mas sim de operações categorizadoras e modificadoras de sentidos.

No caso da introdução do referente mulher, por exemplo, é imprescindível que o leitor identifique o clímax com a substituição desse referente pelo nome próprio da mulher acompanhado do ponto de exclamação: \_ (Maria! Maria!), como uma forma evidência de apelo e desespero por parte do homem, prezo do lado de fora e com medo de ser visto nu.

### **Estudo II – velha**

Em [36 e 38] destacamos a introdução dos referentes: \_ velha e senhora que comprovam o desespero do homem nu ao ficar trancado do lado de fora do seu apartamento.

Ao se deparar-se com a senhora ele não sabe o que fazer, mas mesmo assim tenta se explicar e senhora, muito constrangida e nervosa com aquela situação grita: \_ o padeiro está nu!

Em [46] chamamos a atenção para o uso da expressão referencial minha filha e para a importância de o leitor reconhecer que embora tal elemento já tenha aparecido no texto, na fala dita pela velha, ele não retoma nenhum elemento e sim introduz um novo referente textual.

### **III – homem**

Em [1] chamamos a atenção para a fala do homem, personagem principal da crônica como denotadora de todos os episódios subsequentes.

Em [4] tem-se a introdução de uma referente textual por meio do pronome pessoal eu que se refere às falas do narrador em [1, 2 e 3].

De [6 a 14] embora ocorra uma elipse, o leitor consegue associar os episódios de fala como equivalentes ao que ocorre [1, 2, 3 e 4]. Temos aí uma retomada implícita.

Em [16], o uso do pronome pessoal eu como retomada aos elementos anteriores evidencia ênfase ao texto.

Em [19], o pronome eu aparece novamente e confirma o desespero do homem.

Em [24], a introdução do pronome pessoal ele também se refere ao homem.

Em [27], a introdução da expressão referencial o homem nu retoma todas as cenas realizadas pelo homem e colabora para o efeito humorístico da crônica tendo em vista que acrescenta a informação de que o homem encontrava pelado e trancado do lado de fora de sua casa.

Em [40], a expressão homem nu é substituída/retomada pela introdução do referente padeiro acrescida do adjetivo nu, o que sugere a recategorização dos referentes como estratégias de humor uma vez que em [42] o homem é retomado pela expressão referencial homem pelado.

Em [44], a introdução do referente tarado, sumariza as ideias contidas nas cenas anteriores, além de possibilitar que o leitor (re)construa os sentidos do texto e em [47] tem-se a introdução do pelo adjetivo substantivado infeliz que também sumariza o juízo de valor atribuído ao homem após todos aqueles episódios corroborando mais uma vez para os efeitos de humor do texto.

## 5. Considerações finais

A língua, atividade discursiva somente se efetiva por meio da comunicação (interação) entre os sujeitos. Assim, as expressões ou referentes não representam uma escolha qualquer realizada pelo sujeito ao produzir textos, quer sejam orais quer sejam escritos, e sim; revela a atitude, a crença, a opinião, os pontos de vista, a postura, os valores e etc. que ele tem em relação à: coisas, entidades, objetos, partido político, pessoas, religião, ou seja, sua relação com/no mundo em que vive.

Tal posicionamento não pôde ser visto de forma explícita no texto por nós analisado uma vez que o texto selecionado trata-se de um gênero o qual o humor é característica peculiar e é isso o que buscamos evidenciar com as estratégias de referenciação colocadas em foco no nosso estudo.

Salientamos, pois, que a introdução, a retomada e a substituição de elementos que compõem o nosso corpus de análise não findam as diversas possibilidades de estudo de estratégias de referenciação na crônica: *O homem nu* e *nem* são as únicas que devem ser consideradas como importantes. Nossa escolha é apenas um esboço do que pode ser utilizado em sala de aula como ferramenta de estudos.

Por fim, esperamos que nosso trabalho possa auxiliar os professores de Língua Portuguesa, mais especificamente os que atuam no ensino de base, no que se refere à árdua tarefa de análise e processamento de textos.

## Referências

AMARAL, H. O gênero textual crônica. In: **Na ponta do Lápis**. ano IV – número 10, dezembro de 2008.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: edições UFC, 2011.

CREMASCO, V. H. F.; MANSUR, M. A.; SILVA, S. F. da. et al. In: **Revista MELP**. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~lalec/revistamelp/index.php/inicio/comites-editoriais/item/44-cr%C3%B4nicas-leituras-e-leitores>. Capturado em 20 de nov. de 2013

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LIMA, S. M. C. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Orgs). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SABINO, F. **O homem nu**. Editora do Autor. Rio de Janeiro: 1960.

SOARES, F. A. **O processo de referenciação em textos do Blog do Folhateen**. 2012. 85f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca- São Paulo.